

Meritocracia e desigualdade social

Infelizmente, indissociáveis

Por Gislaine Buosi

Quando me proponho a discutir meritocracia e desigualdade social, o duplo que caminha em paralelo sem nunca se tocar, é preciso admitir a inafastável abstração do que se entende, teoricamente, por meritocracia; por seu turno, quando se joga luz à desigualdade social que grassa o país, lamentável e como que criminosamente, chega-se à conclusão de que ela já esteja naturalizada – afinal, é a bandeira de campanhas eleitorais, dos poderes legislativo e executivo que se dizem republicanos.

Com efeito, não há dúvida de que a abstração da meritocracia, em primeira análise, apenas se materializa graças à cadeia de poder. Isso porque é inimaginável cogitar a chance de a camada popularesca chegar ao pódio, quando o adversário tem sangue azul, uma vez que esse tem como ponto de partida (e, consequentemente, de percurso e de chegada) a mesa farta e os melhores tênis de corrida, artefatos inacessíveis aos nativos, desde sempre escravizados pelos europeus do Descobrimento. Desse modo, enquanto os bem-aventurados competem sem a igualdade de força sugerida pela meritocracia, os desafortunados têm para si reservada a naturalização da derrota.

Nessa mesma esteira de pensamento, em segunda análise, para o que aqui interessa, é possível considerar a meritocracia do século 21 (que anda de mãos dadas com o nepotismo), como a extensão do feudalismo medieval – o que equivale a dizer que o vassalo, ainda que grite pelos ideais da igualdade social – repita-se – jamais vencerá o agraciado. Enquanto isso, a justiça social prometida pela Carta Magna, segundo a qual todos são iguais perante a lei, apenas sobredoura a realidade do país tupiniquim, haja vista os 62,5 milhões de pessoas que, segundo pesquisas recentes do IBGE, sobrevivem abaixo da linha da pobreza. Deixo, todavia, minha dúvida acerca do número aqui apontado, em razão de a geografia percorrida pelo Censo – recenseamento demográfico – nem sempre alcançar as pessoas em situação de rua.

Se pudéssemos escrever os direitos humanos como uma ponte entre a meritocracia e a igualdade social, teríamos de estender uma camada de falácia, que apenas engordaria os protestos aqui despejados.